

Reconstruindo identidades e alteridades na Grécia Antiga

Reconstructing identities and alterities in Ancient Greece

SKINNER, Joseph Edward. *The invention of Greek ethnography*.
from Homer to Herodotus. New York: Oxford University Press,
2012, 343 p.

Ana Penha Gabrecht*

Recebido em: 15/06/2013

Aprovado em: 09/07/2013

Resultado da tese de doutorado de Joseph Edward Skinner defendida em 2009 na Universidade de Liverpool, o livro pertence à coleção *Greek Overseas*, organizada por Carla Antonaccio e Nino Luraghi. A série representa um relevante espaço de discussão sobre novas interpretações acerca dos aspectos culturais e políticos envolvidos nos processos de estabelecimento de colônias gregas no Mediterrâneo e contatos de gregos com diferentes povos. O recorte temático abarca desde a Idade do Ferro antiga à época de Alexandre, buscando abordar os mais variados temas no que concerne ao estabelecimento de assentamentos gregos fora da Hélade.

Skinner realiza um trabalho minucioso de análise de documentos tais como as epopeias de “Homero” – o autor sempre usa aspas para se referir à polêmica questão acerca da autoria dos poemas –, poemas de Hesíodo e Píndaro, tratados de Platão e Aristóteles, escritos de Estrabão e Heródoto. A proposta do livro é esquadrihar as obras dos grandes autores da Antiguidade na tentativa de reconstruir imagens de como os gregos antigos representavam outros povos e a si mesmos.

O objetivo de Skinner é ultrapassar a visão tradicional que se tem a respeito da etnografia grega como um fenômeno típico do século V a. C. O desenvolvimento de

* Doutoranda do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo sob a orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Bolsista Fapes.

uma literatura etnográfica a partir das guerras com os persas não pressupõe que seja exclusividade deste século. O que o autor quer demonstrar ao longo dos cinco capítulos de seu livro é que os discursos de identidade e alteridade são processos bem mais antigos e amplos, estando presentes tanto na épica (epítetos e estereótipos utilizados para descrever diferentes povos) como em imagens estampadas em moedas. Fugindo de uma abordagem “atenocêntrica”, o autor busca entender tanto o “velho mundo grego” – para usar uma expressão do próprio Skinner – quanto às regiões onde gregos e não gregos se encontravam e trocavam experiências culturais.

O autor procura mapear a origem da etnografia grega começando por Homero até Heródoto – evitando uma conotação evolucionária. Para Skinner, os poemas homéricos são um paradigma da etnografia, pois neles se encontra um mundo encapsulado cujas identidades são continuamente delineadas. Os épicos estão povoados de diferentes tipos de tribos, povos e costumes localizados em um espaço mítico. E é na *Odisseia* que a reflexão etnográfica se mostra mais presente. A forma como o poeta descreve pessoas, terras, paisagens e natureza se assemelham em muito com o que se verá mais tarde em Heródoto. A composição de Homero carrega as marcas do contato e interação entre povos de diferentes perspectivas e culturas. Em seus poemas, o aedo demonstra um claro interesse em explorar questões de identidade e diferença, esboçando seletivamente informações preexistentes acerca de povos estrangeiros. Segundo o autor, os poemas eram executados para uma audiência interessada em cultura – seja a sua própria ou a dos outros – e em terras distantes como Egito, Etiópia, Lídia e Trácia. Em sua abordagem, Skinner busca também enfatizar o papel fundamental de Heródoto na construção da etnografia grega, mas sem exaltá-lo. Para ele *Historias* é um estudo monumental de terras e povos, assim como também é uma delimitação do que é ser grego.

O próprio autor descreve os temas tratados em cada capítulo. Em suas palavras, o primeiro capítulo *Ethnography before Ethnography* foi uma tentativa de traçar as diferentes abordagens teóricas da etnografia a partir de um panorama dos atuais estudos acerca da identidade, da percepção do “Eu” e do “Outro”. Antropólogos e teóricos culturais têm se engajado na exploração de conceitos como conectividade, creolização, hibridismo cultural, servindo de apoio e inspiração para o trabalho dos classicistas. O autor cita, em especial, os trabalhos de Stuart Hall, que estimulam a pensar a identidade como produção e não um fato consumado.

O segundo capítulo, *Populating the imaginaire* realiza uma abordagem acerca da variedade de povos estrangeiros – míticos ou não – que habitam o imaginário grego, entre eles cíclopes, feácios, amazonas, egípcios, etíopes e trácios. A partir da análise de trechos de autores da Antiguidade, Skinner nos fornece um panorama de como esses povos eram representados pelos gregos antigos.

No capítulo terceiro, *Mapping Ethnography*, o autor explora as várias formas pelas quais as informações sobre terras e povos estrangeiros foram organizadas, estruturadas e disseminadas. A ênfase está em destacar o papel dos epítetos como elementos de criação de “rótulos” para os povos, os chamados estereótipos. O uso de epítetos e estereótipos – tais como “amazonas comem carne crua, garotas da Lacônia gostam de mostrar suas coxas, líbios montam camelos” – são formas de constituir identidades. Aparecem em diversos contextos: na ágora, no teatro, no *symposium* e são um importante fator de definição de identidade individual e de grupo.

No capítulo quarto, *Mapping Identities*, o enfoque recai no contato de gregos e povos nativos da Península Itálica. O autor realiza um estudo detalhado da região de Olbia, na atual Sardenha e da região sul da Calábria. Nestes lugares o conhecimento acerca do “Outro” circulava livremente, era explorado e manipulado no dia a dia. Objetos materiais, imagens e textos evocavam diferenças culturais – e podem ser lidos e entendidos como agentes ativos imersos em um mar de ideias etnográficas que transbordam da épica e da lírica, do debate diário, da escultura e vasos pintados.

No quinto e último capítulo, *The Invention of Greek Ethnography*, o autor analisa o ambiente social e intelectual que permitiu o desenvolvimento de discursos acerca do “Outro”, como o de Homero e Heródoto. Além disso, busca entender o modo pelo qual a historiografia nasceu e a natureza da identidade grega. Como conclusão de seu trabalho, traça um panorama dos atuais estudos que envolvem a temática da etnografia antiga.

O mérito do livro de Skinner repousa no minucioso trabalho realizado com as fontes. Ao longo de toda a abordagem o autor dá voz aos autores do passado para que, a partir de seus escritos, possa redefinir – certamente não com total exatidão – a forma como se manifestavam as visões de mundo destes indivíduos e dos grupos sociais que representavam.